

Patrício, Padroeiro da Irlanda

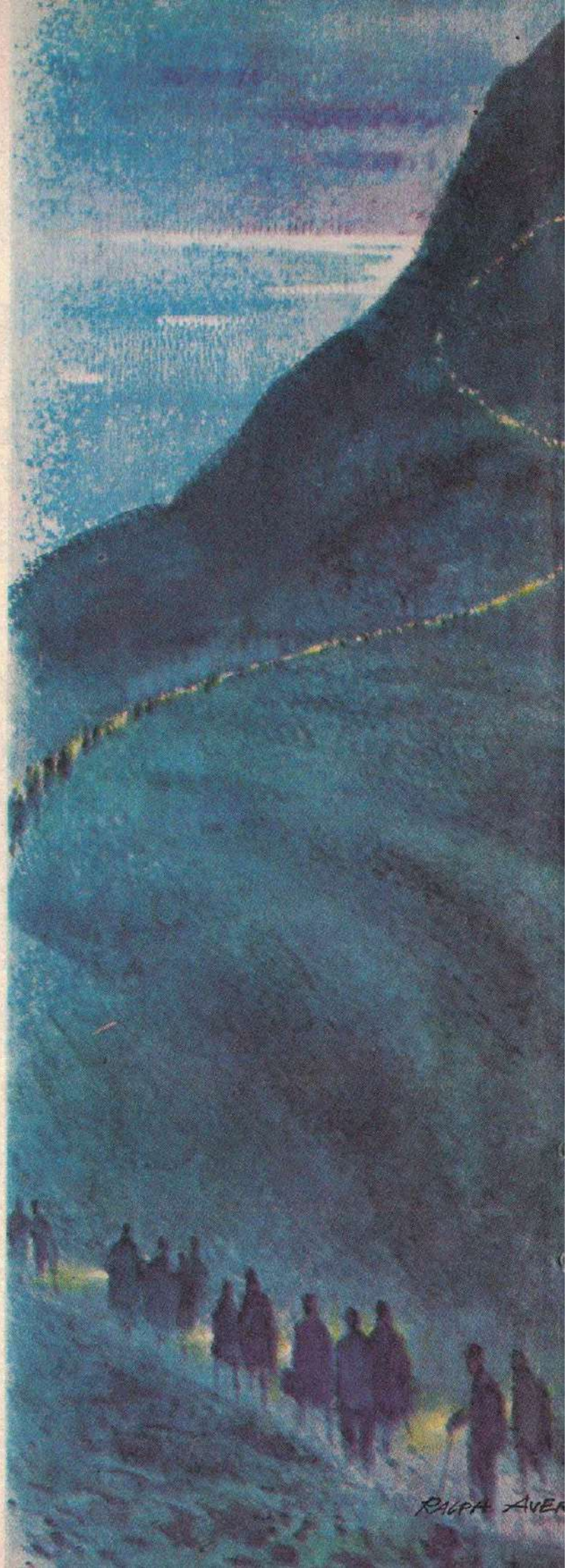
ERNEST O. HAUSER

“**E**U, PATRÍCIO, pecador, o mais rude e o mais ínfimo de todos os fiéis . . .” Assim começa a *Confissão de São Patrício*, uma epístola “àqueles que crêem e temem a Deus, a todo aquêle que se digne consultar e acolher êste escrito”.

Infelizmente, Patrício, só tendo decidido escrever seu pergaminho pouco antes de sua morte em 461, não deu importância aos pormenores de sua vida, que poderiam fascinar a posteridade. Por isso, sua história, tal como nos foi transmitida, é uma narrativa rica e fabulosa, na qual o santo aparece mais como bruxo, encantador e mágico do que em seu verdadeiro papel de disseminador da palavra de Deus.

Contadores natos de histórias, os irlandeses adornaram seu parco conhecimento das andanças do santo com antigas sagas pagãs. Embora sempre se soubesse que na Irlanda nunca houve serpentes, a afirmação de que Patrício “expulsou-as” foi acrescentada às suas proezas por volta do ano 1100. A deliciosa idéia de que êle usou o trevo para ilustrar o dogma da Santíssima Trindade é de data ainda posterior.

A peregrinação noturna ao tôpo do Croagh Patrick tem lugar todo mês de julho



Por trás da lenda encontra-se
um espírito vibrante que
arrancou sua terra adotiva
do barbarismo pagão
e 1500 anos depois continua
a inspirar seu povo eleito

Embora Patrício não fôsse irlandês e tivesse ido da primeira vez para a Irlanda muito contra sua vontade, êle está mais intimamente ligado a seu país adotivo do que qualquer de seus filhos nativos. Tanto católicos como protestantes o reverenciam. O *Livro de Orações*, da Irlanda protestante, contém uma súplica a Deus que em Sua divina providência escolheu Seu “servo Patrício como apóstolo do povo irlandês”.

História de Aventuras. Quem foi o verdadeiro Patrício? Os modernos estudiosos reexaminaram os documentos históricos, e finalmente podemos ver o santo padroeiro da Irlanda tal como êle foi: um personagem áspero e impetuoso, cuja fé ardente e vontade de ferro faziam dêle um gigante entre os homens.

Nas três décadas de sua missão, Patrício abriu a Irlanda à cultura da Europa Ocidental. Com as igrejas que êle construiu e com a instrução que promoveu, chegou o alfabeto latino—a chave daquela cultura. E o que era o limite do mundo até então conhecido logo se converteu num centro de civilização. Dois séculos após a morte do apóstolo, quando grande parte da Europa era asso-

lada pelas hordas pagãs, as artes e as letras floresciam na Irlanda.

O que se conhece da vida de Patrício é uma história de aventuras em ritmo agitado. O próprio Patrício nunca esqueceu a magia dessa vida. “Eu era como pedra cravada no lôdo”, escreveu êle em sua *Confissão*, “e veio o Todo-Poderoso e em Sua misericórdia ergueu-me e colocou-me em cima do muro.”

Patricius Magonus Sucatus—êste seu nome latino completo—ao que consta nasceu de pais britânicos, por volta do ano 385, provavelmente em algum lugar próximo ao estuário de Severn, na costa ocidental da Inglaterra. Já cristianizada, a Inglaterra ainda estava contida nas fronteiras do Império Romano em desmoronamento. Seu pai era proprietário de terras, e Patrício, criado como cristão e cidadão romano, era um jovem despreocupado, amante dos prazeres da vida, que andava em companhia de outros rapazes, contatos êle, que não observavam os mandamentos de Deus.

Além do mar tempestuoso, ficava a enevoada e misteriosa Irlanda, cujo povo, jamais subjugado por Roma, freqüentemente assolava as costas

britânicas. Numa dessas incursões, o jovem Patrício, com apenas 16 anos, foi capturado e levado para a Irlanda, onde foi vendido como escravo. Durante seis longos anos, segundo seu próprio relato, pastoreou ovelhas, abrigando-se em bosques e cavernas, “na verdade, humilhado pela fome e pela nudez”. Ele estava sozinho com a natureza e com Deus. Vendo nesse destino rigoroso uma justa punição a seus hábitos ímpios, sentiu que seu espírito renascia, e começou a fazer penitência de dias e noites, ajoelhando-se em neve, gelo e chuva.

Uma noite, quando o pobre pastor havia adormecido, ouviu uma voz: “Olha, tua embarcação está pronta!” Orientado pelo Senhor para um porto a 300 quilômetros de distância, Patrício despertou, pôs-se a caminho e encontrou uma embarcação pronta para pôr-se ao mar. Alcançando terra—possivelmente onde é hoje a França—a tripulação andou durante vários dias através de regiões desabitadas, presumivelmente em busca de um centro mercantil onde pudessem negociar. Os homens estavam famintos, e o capitão voltou-se para Patrício: “Cristão, você não pode rezar por nós?”

Enquanto Patrício rezava, uma vara de porcos desgarrados atravessou o caminho deles. Depois de terem comido, seus companheiros pagãos agradeceram a Deus e louvaram Patrício. Finalmente ele os deixou e pôs-se a caminho da Inglaterra, onde sua família o recebeu com gran-

de alegria—sem dúvida esperando que ele se casasse e se estabelecesse.

O Apêlo da Irlanda. Nessa altura da narrativa, Patrício relata-nos um sonho que estava destinado a provocar uma reviravolta em sua vida. No sonho, um homem se aproximou dele com alguns documentos. Entregou um deles a Patrício, que leu: “A Voz dos Irlandeses.” Súbitamente, o ar encheu-se de muitas vozes irlandesas que gritavam: “Nós te imploramos, jovem santo, a voltar e novamente ficar conosco.” Extremamente comovido, Patrício acordou.

Patrício não era histérico. Inúmeras visões, ocorridas em momentos cruciais de sua vida, resumiam-se numa única mensagem: um apêlo irresistível para salvar as almas daqueles rústicos irlandeses que ele conhecera como escravo. Mas estaria ele à altura da missão? Em todo escrito seu, repete-se a afirmação de que ele é “ignorante em todos os assuntos”. Daí ser ele obrigado a adquirir conhecimentos básicos, antes de partir para pregar o Evangelho.

Como procedeu a êsse respeito? Evidentemente, passou alguns anos na cidade de Auxerre, 180 quilômetros a sudeste de Paris, famoso centro de cultura conhecido por seus laços com a Irlanda e a Bretanha. O homem de ação não chegou a terminar seus estudos; contudo, adquiriu sólido conhecimento da Bíblia, ordenou-se sacerdote e podemos presumir que ele tenha pedido

a seus superiores para deixá-lo levar a cabo uma missão junto aos irlandeses.

Mas o passado interpôs-se entre Patrício e sua meta. Aos 15 anos de idade, êle cometera um pecado. Êle não nos diz qual foi, mas desabafou-se com um clérigo amigo quando estava prestes a tornar-se diácono. Êste "querido amigo", como Patrício o chama, provou ser falso. Quando o nome de Patrício surgiu ligado a uma missão irlandesa, o confidente revelou aquêle antigo pecado. Em consequência, um estranho, Palladius, foi encarregado da tarefa.

O zelo inabalável de Patrício restaurou, contudo, a confiança de seus superiores, e breve êle foi enviado ao encontro de Palladius como assistente. Antes mesmo de chegar ao pôrto de embarque, recebeu a notícia de que Palladius morrera. Os responsáveis por Patrício, vendo nisto obra da Providência, consagraram-no bispo às pressas e embarcaram-no com pompas.

No Vale dos Druidas. Patrício estava na casa dos 40 anos quando chegou mais uma vez à sua verde ilha. O lugar continuava tão atrasado como quando êle o deixara. Não havia cidades e apenas algumas estradas pelo interior cheio de bosques e infestado de salteadores. Os reis lutavam entre si, cada qual mais ávido de aumentar suas terras. Embora existissem alguns redutos cristãos, como consequência do comércio com a França e a Inglaterra, a

maioria dos assuntos espirituais eram orientados pelos druidas, uma classe de homens cultos que se acreditava serem dotados de poderes mágicos. Servindo como conselheiros de reis e príncipes, êles mantinham o povo num estado de completa ignorância.

E assim vamos encontrar Patrício percorrendo ousadamente o que é agora a Irlanda do Norte e altercando com os desconfiados druidas ao pregar a palavra de Deus. O homem que uma vez fôra miserável pastor nessas montanhas e que chegava agora com a cruz e o báculo episcopal intimidou e impressionou os camponeses. Seu conhecimento dos costumes da região, sua capacidade de liderança e o fato de falar irlandês eram armas poderosas em seu arsenal.

Era um homem de singular magnetismo. Uma vez, conta-se, quando pregava para um chefe que queria ser batizado, êle sem querer trespassou o pé do ouvinte com a ponta de metal afiada do seu báculo. Quando finalmente Patrício viu o que tinha feito, perguntou ao chefe por que não tinha protestado. A pobre criatura respondeu que havia pensado que o ritual exigia que se impusessem aos neófitos como penitência as chagas de Jesus.

Por onde quer que fôsse, Patrício fundava igrejas e treinava os padres locais. Seu maior êxito foi no Norte da Irlanda, onde dezenas de milhares abandonaram seus ídolos em favor da fé cristã. Até hoje, os dirigentes das Igrejas Católica e Protestante

da Irlanda vivem na movimentada cidadezinha de Armagh, sede da missão de Patrício.

Em seu movimento de conquista espiritual, êle se chocou inevitavelmente com o poder central da ilha: o feroz e temível Laoghaire, que governava despoticamente, como Supremo Monarca, as ricas planícies da Irlanda Central. Sua fortaleza nas montanhas era Tara, onde ainda podem ser vistos vestígios de seus magníficos salões.

Segundo a tradição, Patrício decidiu fazer um desafio frontal. Num Sábado de Aleluia que coincidia com uma festa pagã, na qual não se podia acender nenhum fogo até que o rei acendesse o seu, êle escalou o morro de Slane, a 15 quilômetros de Tara, e fêz um grande fogo pascal. O conselheiro druida do rei declarou que "a menos que o fogo seja apagado imediatamente, êle queimarà para sempre, consumindo a Irlanda".

Seguiu-se acalorada discussão entre os druidas reais e Patrício, que apenas com a fôrça de orações arremessou o druida aos ares, esfacelando-se seu crânio quando êle caiu por terra. Aterrorizado, o Supremo Monarca pediu para ser batizado. Fantasia irlandesa? Certamente. Não obstante, os estudiosos acham provável que Patrício tivesse chegado a um entendimento com os governantes centrais da Irlanda, recebendo permissão para evangelizar o povo.

O Santo Está Vivo. Hoje, duas das mais duras penitências do cristianismo immortalizam a fôrça espi-

ritual de Patrício. A peregrinação de três dias a Station Island ("O Purgatório de São Patrício") em Lough Derg exige pés descalços, uma noite inteira de vigília e nenhum alimento, exceto bolachas d'água e chá prêto. A outra é uma peregrinação noturna ao cume do Croagh Patrick, a "Exalação", um pico solitário, com 765 metros de altura, elevando-se majestosamente ao lado da Baía das Gáveas, ornada de ilhas, a oeste da Irlanda.

No Domingo das Grinaldas, o último domingo de julho, cêrca de 50 000 peregrinos realizam ainda, todo ano, a difícil escalada ao pico. De acôrdo com antigo ritual, a ascensão é feita à noite, e no sábado, depois que escurece, pode-se ver uma tênue linha sinuosa de pontos luminosos enroscando-se em direção ao alto. Ao nascer o Sol, a multidão assiste a um ofício campal no cume. Supõe-se ter sido desta montanha sagrada que Patrício expulsou tôdas as serpentes e outros sêres detestáveis.

Uma lenda mais antiga conta outra história acêrca da montanha. Tendo-se retirado para jejuar durante 40 dias no pico varrido por tempestades, Patrício foi perseguido por demônios em forma de medonhos pássaros. Afinal, êle repicou o seu sino na direção do bando compacto, e os negros espíritos desapareceram, sendo substituídos por belos pássaros brancos conduzidos por um anjo. Como recompensa pelo sofrimento de Patrício, o anjo fêz

muitas promessas—dentre as quais a de que os “saxões” (que então conquistavam a Bretanha) nunca tomariam a Irlanda, e que o próprio Patrício, no Dia do Juízo Final, seria o juiz dos irlandeses.

Êste antigo mito assumira grande importância durante os amargos séculos de domínio estrangeiro. Os irlandeses consideram Patrício como seu advogado e salvador: êle rogara por êles, pedira o aparentemente impossível—e Deus atendera a suas súplicas. Foi o pico que fêz do santo um herói, o símbolo de um povo obstinado, um laço que mantém os

irlandeses unidos no mundo inteiro.

Um dos mais caros desejos de Patrício, derramar seu sangue por Cristo, não foi realizado. O mais provável é que êle tenha morrido trabalhando, pregando ao povo à beira da estrada. Ninguém sabe onde êle está enterrado, nem isto tem importância. Patrício está onde quer que se ponha o pé na Irlanda. Tôda igreja ou cidade se vangloria de uma ligação com o apóstolo. Nos verdes prados e ao longo das praias côr de prata, paira sua presença como inspiração para o seu povo eleito.



MINHA licença anual chegara ao fim e, em trajes civis, eu estava voltando à base em meu automóvel. Quando vi três soldados que pediam carona, dei-lhes condução. Durante o resto da viagem êsses rapazes divertiram-se com histórias de sua vida no Exército, suas idéias sôbre disciplina, sôbre a comida e, finalmente, deram opiniões bastante extensas sôbre seus oficiais—meus colegas.

Por fim, um dêles lembrou-se de perguntar-me qual era o meu ramo de trabalho. Disse-lhe que eu também estava no Exército.

—Qual foi o curso que o senhor fêz?—perguntou-me a seguir.

—De oficial—respondi.

Houve um silêncio perceptível. Depois, uma voz baixa perguntou:

—O senhor passou?

—G. E. M.



NA REUNIÃO semanal de um grupo de cidadãos idosos, a conversa desviou-se para dores e achaques. Uma senhora descreveu suas articulações afetadas pela artrite, um senhor forneceu o último relatório sôbre o endurecimento de suas artérias, outro senhor descreveu minuciosamente seu sofrimento estomacal—tudo isso com bastantes comentários gerais. “Bem, isso apenas prova uma coisa, Hilda”, disse finalmente uma senhora para a sua vizinha. “Velhice é para os valentes.” —R. S. H.